

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Os Ricos Pobres de Portugal: riqueza sem grandeza num país de rendas, alvarás e proximidade ao poder

Publicado em 2026-06-27 12:11:30



BOX DE FACTOS

- A OCDE assinala no *OECD Economic Surveys: Portugal 2026* que a produtividade do trabalho em

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

media por trabalhador atingiu 1.741€ no trimestre terminado em Junho de 2025.

- O INE indicou que a taxa de risco de pobreza em Portugal foi de 15,4% em 2024, segundo o Inquérito às Condições de Vida e Rendimento realizado em 2025.
- O Eurostat estimou que o PIB per capita português, em paridades de poder de compra, se situou em 81% da média da União Europeia em 2025.
- A World Inequality Database disponibiliza séries internacionais sobre desigualdade de rendimento e riqueza, permitindo comparar a concentração económica entre países.
- O *UBS Global Wealth Report* acompanha a evolução internacional da riqueza média e mediana, evidenciando diferenças profundas entre património, rendimento e capacidade real de criação de valor.
- Portugal é uma economia de rendimento médio-alto no contexto mundial, mas continua a enfrentar baixa produtividade, salários modestos, fraca

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

legítima, criada por mérito, risco, inovação e trabalho. É contra a riqueza pobre: a riqueza de renda, proximidade, alvará, protecção, património herdado e dependência do Estado.

Os Ricos Pobres de Portugal: riqueza sem grandeza num país de rendas, alvarás e proximidade ao poder

Em Portugal até os ricos são pobres. Não pobres de dinheiro, naturalmente. Isso seria exagero, e a classe rica nacional ainda não teve de vender o segundo apartamento em Cascais para comprar arroz. São pobres de outra extirpe: pobres de visão, pobres de risco, pobres de criação, pobres de ambição industrial, pobres de cultura de mérito, pobres de independência face ao Estado.

Portugal tem pobres verdadeiros, que contam moedas no supermercado, adiam consultas, vivem em casas caras demais para salários pequenos demais e envelhecem com pensões que parecem pedir desculpa por existir. Mas tem

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

É a pobreza da riqueza sem projecto.

A riqueza portuguesa, demasiadas vezes, não nasce da invenção, da indústria, da ciência, da escala, da tecnologia ou da conquista de mercados globais. Nasce da propriedade, da renda, da herança, da licença, da concessão, do contrato público, do imobiliário, do favor regulatório, da proximidade ao poder e da capacidade de circular no país certo, à mesa certa, com o contacto certo.

Portugal é tão pobre que até muitos dos seus ricos são pobres: pobres de visão, pobres de risco, pobres de criação, ricos apenas em proximidade ao poder.

A riqueza que não cria país

A riqueza legítima é uma força civilizacional. Quando nasce do trabalho, da inovação, da coragem empresarial, da ciência, da indústria, da exportação, da tecnologia, da gestão exigente e do risco assumido, a riqueza beneficia a sociedade. Cria emprego, aumenta salários, melhora competências, abre mercados, financia impostos, apoia cultura, ciência e investimento.

O problema português não é existirem ricos. O problema é existirem poucos ricos criadores de país.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

turismo, imobiliário, serviços baratos e eventos com ministros a dizer “inovação” como quem benze uma rotunda.

Mas esses exemplos, precisamente por serem bons, denunciam o padrão dominante.

O padrão português continua a ser o de uma economia onde demasiada riqueza vive protegida da concorrência real. Uma economia onde há sectores inteiros dependentes de licenças, alvarás, concessões, regulação favorável, fundos europeus, contratos públicos, relações bancárias antigas, autarquias disponíveis, Estado lento e justiça ainda mais lenta.

Esta riqueza não transforma o país. Instala-se nele.

O capitalismo de alvará

Portugal não tem um capitalismo plenamente competitivo. Tem, em muitos sectores, um capitalismo de alvará. Um capitalismo onde a pergunta essencial nem sempre é “que valor crias?”, mas “que autorização tens?”, “quem conheces?”, “que barreira te protege?”, “que despacho te favorece?”, “que concurso consegues interpretar antes dos outros?”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

É por isso que uma parte da elite económica portuguesa tem dinheiro, mas não tem grandeza. Tem património, mas não tem indústria. Tem influência, mas não tem mundo. Tem imóveis, mas não tem investigação. Tem contactos, mas não tem produto. Tem conselhos de administração, mas não tem visão. Tem fundações, mas não tem futuro.

É uma elite que aprendeu a viver bem num país que vive mal.

E talvez seja esse o maior escândalo: não o facto de haver riqueza, mas o facto de tanta riqueza portuguesa parecer perfeitamente confortável com a pobreza estrutural do país onde se alimenta.

Património não é grandeza

Em Portugal, confunde-se facilmente património com mérito. Ter prédios, terrenos, quotas, participações, heranças, rendimentos imobiliários ou posições herdadas não é necessariamente sinal de capacidade produtiva. Pode ser apenas acumulação histórica, sorte familiar, localização, inflação dos activos, protecção fiscal, urbanismo favorável ou habilidade em estar perto do poder local.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Um prédio reabilitado para alojamento local não é uma patente. Um terreno urbanizável não é tecnologia. Uma renda alta não é produtividade.

O país que transforma habitação em activo especulativo e salários em detalhe secundário está a enriquecer alguns enquanto empobrece o futuro de muitos.

A riqueza imobiliária cria património privado, mas pode destruir mobilidade social. Pode expulsar jovens dos centros urbanos, atrasar famílias, dificultar natalidade, bloquear talento, aumentar desigualdade e transformar cidades em vitrinas para visitantes e fundos, enquanto quem trabalha nelas vive cada vez mais longe.

Uma sociedade onde a renda cresce mais depressa do que o salário não está a enriquecer. Está a transferir futuro dos trabalhadores para os proprietários.

O país dos salários pequenos e dos ricos estreitos

A OCDE assinala que a produtividade do trabalho em Portugal permanece cerca de 17% abaixo da média da OCDE. O INE registou remuneração bruta mensal média por trabalhador de 1.741€ no trimestre terminado em Junho de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Estes números dizem muito. Portugal não é apenas um país de baixos salários. É um país onde a baixa produtividade limita salários, onde salários baixos limitam poupança, onde pouca poupança limita investimento, onde pouco investimento limita escala, e onde pouca escala mantém o país preso ao circuito pequeno da sobrevivência.

E no topo desse circuito pequeno existe uma elite económica frequentemente também pequena. Pequena na escala, pequena no risco, pequena no horizonte, pequena na cultura de investimento produtivo.

Há ricos portugueses que são ricos apenas à escala de um país pobre. Quando comparados com elites empresariais de economias mais produtivas, percebe-se a diferença: menos indústria global, menos tecnologia, menos investigação, menos capital paciente, menos filantropia transformadora, menos universidades financiadas, menos empresas de escala, menos ambição internacional.

Portugal não tem apenas pobres com pouco dinheiro. Tem ricos com pouca visão.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

reguladores, aos partidos, às ordens profissionais, às concessões, aos fundos europeus, aos concursos públicos, aos gabinetes ministeriais, às câmaras municipais, às empresas públicas.

O talento, neste ecossistema, nem sempre está em criar. Está em aceder.

A habilidade não é necessariamente inventar um produto, construir uma marca global ou abrir mercado. É saber a quem telefonar, em que almoço aparecer, que sociedade constituir, que parecer pedir, que fundo captar, que porta usar, que norma interpretar, que excepção solicitar.

É uma economia de corredores.

E uma economia de corredores raramente produz civilização. Produz dependência, cinismo e uma elite que se considera sofisticada porque conhece o labirinto que devia ser demolido.

Num país normal, o empresário quer simplificação, concorrência, previsibilidade e justiça célere. Em Portugal, demasiados actores aprenderam a lucrar precisamente com o contrário: complexidade, assimetria de informação, lentidão administrativa, regulação opaca e Estado negociável.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

vezes, não sente responsabilidade pelo país que a tornou possível.

Uma elite económica madura investe em conhecimento, ciência, formação, cultura, tecnologia, qualidade de gestão, produtividade e salários. Sabe que um país pobre à sua volta limita até a própria riqueza. Sabe que não há mercado interno saudável com consumidores empobrecidos. Sabe que não há estabilidade social duradoura com jovens sem casa, trabalhadores sem esperança e Estado capturado por interesses.

Uma elite pequena faz outra coisa: protege margens, compra património, procura vantagens fiscais, aproxima-se do poder, empurra riscos para o Estado, resiste à concorrência e chama “radical” a qualquer tentativa de lhe retirar privilégios.

A primeira cria futuro.

A segunda administra decadência.

A falsa sofisticação dos herdeiros do atraso

Há uma certa riqueza portuguesa que se julga cosmopolita porque janta em bons restaurantes, viaja, fala inglês

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

capacidade de criar valor complexo.

Sofisticada é uma economia que produz tecnologia própria, investigação aplicada, empresas exportadoras, marcas globais, universidades ligadas à indústria, capital de risco inteligente, produtividade elevada e salários dignos.

Sofisticado não é comprar produtos caros produzidos por sociedades que funcionam melhor do que a nossa. Isso é apenas importar civilização por cartão de crédito.

Uma elite que consome sofisticação estrangeira, mas não constrói sofisticação nacional, é uma elite pobre com hábitos caros.

O Estado como pai da riqueza dependente

Em Portugal, muitos pobres dependem do Estado para sobreviver. Mas também muitos ricos dependem do Estado para enriquecer.

A diferença é que aos primeiros chamam subsídio. Aos segundos chamam incentivo, concessão, parceria, compensação, regime especial, apoio ao investimento, contrato de interesse público, estabilidade regulatória ou salvaguarda estratégica.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

protecção pública aparece como investidor, parceiro, operador estratégico, agente económico relevante.

A moral pública portuguesa é frequentemente severa com a dependência dos fracos e indulgente com a dependência dos fortes.

Em Portugal, a dependência do pobre é problema social; a dependência do rico é política económica.

Quando os ricos também não querem concorrência

A verdadeira riqueza não teme concorrência. Aprende com ela, enfrenta-a, melhora, expande-se, internacionaliza-se.

A riqueza pobre teme concorrência. Prefere barreiras. Prefere licenças limitadas. Prefere regulação que protege incumbentes. Prefere tribunais lentos. Prefere contratos longos. Prefere concessões difíceis de rever. Prefere mercados pequenos onde todos se conhecem e ninguém incomoda demasiado.

É por isso que Portugal fala tanto de competitividade e pratica tão pouco a concorrência real.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

tradição, pelo alvará ou pelo contacto certo.

Para uma elite pobre de espírito empresarial, a concorrência é uma ameaça. Para um país desenvolvido, é oxigénio.

A aristocracia do recibo e do alvará

Portugal nunca teve uma grande burguesia industrial comparável à dos países que lideraram revoluções produtivas. Teve proprietários, comerciantes, banqueiros, grupos familiares, concessionários, intermediários, construtores, rentistas, gestores de proximidade e elites administrativas.

Claro que houve excepções. Sempre houve. Mas a matriz dominante foi frágil.

O país habituou-se a uma aristocracia sem nobreza e a uma burguesia sem grandeza. Uma aristocracia do recibo, do alvará, da autorização, da concessão, da renda urbana, da herança, da relação bancária e da proximidade política.

Essa elite não precisava de transformar Portugal. Precisava apenas de o controlar suficientemente.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma riqueza madura percebe que tem deveres. Não deveres impostos por moralismo barato, mas deveres de inteligência histórica. Quem beneficia de uma sociedade tem responsabilidade na sua qualidade.

Uma elite digna investe em escolas, bolsas, ciência, bibliotecas, museus, investigação, tecnologia, saúde, cultura, cidades habitáveis, fundações sérias e empresas que sobrevivam para lá da geração fundadora.

Uma elite pobre limita-se a proteger património, otimizar impostos, financiar influência, comprar silêncio, aparecer em eventos e aguardar que o Estado resolva o que ela não quer arriscar.

Portugal tem demasiada riqueza sem dever civilizacional.

E quando a riqueza não sente dever para com o país, o país começa a sentir desprezo pela riqueza.

Não é inveja; é exigência

A crítica à riqueza pobre não é inveja. Esse é o argumento preguiçoso de quem quer transformar qualquer escrutínio em ressentimento.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

deixa obra.

Mas uma sociedade adulta também deve distinguir riqueza criadora de riqueza extractiva.

A riqueza criadora aumenta o país.

A riqueza extractiva ocupa o país.

A riqueza criadora abre possibilidades.

A riqueza extractiva fecha acessos.

A riqueza criadora aceita mérito.

A riqueza extractiva prefere privilégio.

Criticar esta diferença não é inveja. É higiene democrática.

A riqueza pobre e a emigração dos melhores

Há uma relação directa entre a pobreza de visão das elites e a emigração qualificada.

Quando a economia não cria empresas de escala, quando paga mal, quando bloqueia mérito, quando valoriza mais a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

cria expectativas e depois oferece-lhes salários baixos, habitação impossível, carreiras lentas e chefias frequentemente medíocres.

A riqueza pobre não sabe o que fazer com talento. O talento incomoda-a. Pede salários, autonomia, exigência, inovação e futuro. Tudo coisas profundamente inconvenientes para quem prefere administrar rendas.

Por isso, muitos jovens partem. Não por falta de amor ao país, mas por excesso de lucidez.

O país possível contra o país arrendado

Portugal podia ser mais. Tem talento, localização, segurança, universidades, investigadores, diáspora, capacidade tecnológica, património cultural, potencial marítimo, energia renovável, língua global e qualidade humana.

Mas para ser mais teria de deixar de ser um país arrendado aos interesses instalados.

Teria de trocar riqueza de renda por riqueza produtiva. Teria de substituir proximidade por concorrência. Teria de premiar risco real, não acesso privilegiado. Teria de exigir mais às elites económicas, não apenas aos trabalhadores. Teria de abrir mercados, simplificar o Estado, acelerar

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A riqueza que Portugal protege está a construir o país ou apenas a cobrar portagem sobre o seu atraso?

Conclusão: ricos pobres num país cansado

A frase é dura, mas verdadeira: em Portugal até os ricos são pobres, mas pobres de outra extirpe.

São pobres quando confundem património com mérito.

São pobres quando confundem renda com criação.

São pobres quando confundem proximidade ao Estado com capacidade empresarial.

São pobres quando vivem do país sem o melhorar.

São pobres quando preferem controlar mercados pequenos a competir em mercados grandes.

São pobres quando enriquecem num país de salários baixos e não sentem vergonha por isso.

São pobres quando têm dinheiro, mas não têm projecto.

Portugal não precisa de odiar os ricos. Precisa de exigir melhor riqueza.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

sobre rendas.

Riqueza que não precise de pedir licença ao poder para existir.

Riqueza que deixe de ser pobre.

Um país pobre pode começar a enriquecer quando os seus ricos deixam de ser apenas proprietários do atraso e passam a ser construtores do futuro.

Referências credíveis

- OECD — *OECD Economic Surveys: Portugal 2026*:
https://www.oecd.org/en/publications/oecd-economic-surveys-portugal-2026_025b3445-en.html
- OECD — *OECD Economic Surveys: Portugal 2026*, relatório PDF:
https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2026/01/oecd-economic-surveys-portugal-2026_0ea012e6/025b3445-en.pdf
- INE — *Remuneração bruta mensal por trabalhador aumentou 6,0% para 1.741€ no trimestre terminado em Junho de 2025*:
<https://www.ine.pt/xportal/xmain?>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Inquerito as Condições de vida e Rendimento 2025:

<https://www.ine.pt/xportal/xmain?>

[DESTAQUESdest_boui=707495469&DESTAQUESmodo=2&xpgid=ine_destaques&xpid=INE](https://www.ine.pt/xportal/xmain?DESTAQUESdest_boui=707495469&DESTAQUESmodo=2&xpgid=ine_destaques&xpid=INE)

- Eurostat — *GDP per capita in PPS, 2025 preliminary estimates:*

<https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/w/ddn-20260325-1>

- Eurostat — *GDP per capita in purchasing power standards, 2025:*

<https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/view/TECOO114/default/map?lang=en>

- Pordata — *Estatísticas de salários em Portugal:*

<https://www.pordata.pt/en/subtheme/portugal/-11>

- World Inequality Database — *Portugal:*

<https://wid.world/country/portugal/>

- World Inequality Database — *Data Explorer:*

<https://wid.world/data/>

- UBS — *Global Wealth Report 2024:*

<https://www.ubs.com/content/dam/assets/wm/static/noindex/wm-germany/2024/doodownload/Global-Wealth-Report-2024.pdf>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Nota editorial: Este artigo não é uma crítica à riqueza legítima, nem ao mérito empresarial, nem ao sucesso económico conquistado por trabalho, risco e inovação. A crítica dirige-se à riqueza pobre: a riqueza dependente de rendas, privilégios, protecção, património herdado, contratos públicos, imobiliário especulativo, regulação favorável e proximidade ao poder.

Texto:

Francisco Gonçalves

Com apoio editorial de: Augustus Veritas.

Nota final

A pobreza portuguesa não está apenas nas margens da sociedade. Está também no centro da sua elite, quando essa elite tem dinheiro mas não tem visão, património mas não tem coragem, influência mas não tem grandeza, proximidade ao Estado mas não criação de valor.

Um país não se transforma apenas aumentando rendimentos. Transforma-se quando a sua riqueza deixa de ser defensiva, extractiva e rentista, e passa a ser produtiva, criadora e responsável.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)